

OS ALUNOS E A SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Leonardo Ramon Bastos Porto Lessa¹
Rodrigo Barreto Carvalho¹
Glaurea Nádia Borges de Oliveira²

Resumo: O presente trabalho foi construído com base em experiências adquiridas durante o processo de estágio, no âmbito do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus XII. O estágio, realizado em uma escola pública situada no município de Guanambi-BA, nos possibilitou perceber, por meio da observação, atitudes de violência e de resistência por parte dos alunos, assim como o não reconhecimento de uma prática corporal por eles vivenciada e trazida para dentro da escola, evidenciado em um episódio presenciado durante o período em que acompanhamos algumas atividades da rotina da instituição. Diante dessas constatações, procuramos problematizar algumas questões relacionadas à cultura e à construção da identidade no contexto da escolarização, buscando fundamentos em alguns referenciais que abordam essas temáticas, sobretudo nos pressupostos dos Estudos Culturais e em suas contribuições para as discussões curriculares. O processo de reflexão estabelecido a partir da realidade observada nos permitiu compreender que a escola, ao resistir em dar espaço às diferentes manifestações corporais presentes no contexto social dos alunos, pode acabar negando a sua identidade cultural e, como consequência, distanciar-se deles e do sentido que possam encontrar na escolarização. A partir da observação realizada no âmbito escolar, nota-se uma gama de manifestações culturais presentes no cotidiano dos alunos, que, por sua vez, não encontram espaço para a reprodução dos seus atributos culturais vivenciados fora do contexto escolar. Esta é, portanto, uma importante dimensão a ser debatida e reavaliada pedagogicamente, considerando-se que a bagagem cultural dos alunos é inerente ao universo da educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Identidade Cultural. Estágio.

INTRODUÇÃO

É no estágio que as discussões a respeito da formação tornam-se mais latentes, possibilitando a construção de vínculos mais concretos entre o âmbito acadêmico e o escolar. No estágio, somos impulsionados pela necessidade de compreensão dos diferentes e complexos fatores que se relacionam à prática docente e que implicam, por sua vez, num entendimento aprofundado do próprio campo de atuação.

¹ Graduandos em Educação Física pela UNEB/DEDC XII. E-mails: leonardo_ramon988@hotmail.com / rodrigo.barreto.carvalho@gmail.com

² Mestre em Educação pela PUC/SP. Professora Assistente do Curso de Educação Física da UNEB/DEDC XII. E-mail: gnoliveira@uneb.br

Ser um espaço/tempo de construção de aprendizagens significativas no processo de formação prática de professores é um dos objetivos centrais do estágio enquanto componente curricular obrigatório. Ou seja, junto com as disciplinas teóricas desenvolvidas nos cursos de formação nas Universidades, o estágio, também, apresenta-se como responsável por tal construção que possa contribuir com o fazer profissional do futuro professor (FELÍCIO; OLIVEIRA, 2008, p. 227).

O estágio no curso de Educação Física do Campus XII da UNEB divide-se em três etapas. Na primeira delas, os licenciandos buscam compreender, de modo mais amplo, as características da educação básica nas escolas públicas da cidade onde se localiza o Campus, considerando-se os seus diferentes níveis e modalidades. Na segunda etapa, os futuros professores adentram o espaço escolar a fim de observá-lo e analisá-lo, especialmente no que se refere ao desenvolvimento das aulas de Educação Física. E na última etapa, por fim, os discentes do curso realizam uma intervenção pedagógica, assumindo o ensino do componente curricular a partir de um projeto elaborado com base nas necessidades/problemáticas identificadas durante a observação.

O presente trabalho foi construído no âmbito da segunda etapa do processo acima descrito. Nesse contexto, tivemos a possibilidade de retornar a um espaço já conhecido, levando-se em conta a nossa condição de ex-alunos da educação básica, porém, agora munidos de conhecimentos que nos possibilitaram ter uma percepção arraigada da realidade escolar, em que os fenômenos, os acontecimentos, os comportamentos e as relações, principalmente por parte dos alunos e professores, tornaram-se mais evidentes à medida que tentávamos compreender sua origem e suas consequências. E um dos fatores que ratificam a relevância dessa experiência é a oportunidade de que os resultados de sua reflexão colaborem significativamente para um posterior projeto de intervenção, onde confrontaremos as problemáticas observadas, desafiando-nos a cumprir o propósito educacional e social que a escola está incumbida de alcançar.

As situações descritas e discutidas neste relato revelam a ênfase do direcionamento do nosso olhar para os alunos e para a sua relação com a escola. A partir disso, identificamos alguns episódios que evidenciaram uma postura agressiva e resistente por parte dos discentes, assim como uma não valorização da sua identidade cultural dentro do contexto escolar, o que parece se vincular a um não questionamento sobre quem são esses sujeitos, quais são os seus anseios, quais são as suas condições de existência e qual é, de fato, o papel da escola no seu processo formativo.

UM OLHAR SOBRE OS ALUNOS E SOBRE A SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

Durante as observações do estágio, constatamos algumas problemáticas inerentes ao universo da educação básica, entre as quais desatacamos o fato de que os aspectos da cultura dos alunos pareciam não ser levados em consideração durante as aulas de Educação Física e em outros momentos que presenciamos na escola.

A princípio, certificamos que a maioria dos alunos residia em bairros periféricos e/ou marginalizados, convivendo diariamente com a violência e com outros conflitos, que também se apresentavam rotineiramente durante as aulas.

Os primeiros olhares lançados aos alunos nos fizeram perceber uma notória diferença de tamanhos entre eles. Não tivemos acesso às idades de todos, porém, essas diferenças imediatamente notadas e bastante visíveis nos sugeriram a hipótese de que muitos dos alunos tiveram dificuldades em séries anteriores, que resultaram em reprovações, ou então, por algum motivo, não tiveram acesso à escolarização no tempo previsto, o que justificaria a disparidade de idade entre eles.

O horário das aulas de Educação Física no período da tarde nos possibilitou presenciar o movimento de saída dos alunos da escola e de retorno para as suas respectivas casas, confirmando a nossa constatação inicial de que a maioria deles reside num bairro marginalizado em relação aos padrões econômicos e culturais estabelecidos no município de Guanambi.

O comportamento dos alunos em sala de aula foi algo marcante durante o período de observações. A estranheza diante da nossa presença foi evidente no primeiro dia em que adentramos a sala de aula, o que, de certa forma, já era esperado por nós. Conforme os alunos foram se acostumando conosco, gradativamente libertaram-se de qualquer desconforto ou vergonha que os impedissem de tomar atitudes habituais e, logo, o ambiente se tornou novamente confortável para eles.

Não demorou muito tempo para que uma das principais características daquele contexto fosse colocada à mostra, o que nos deixou bastante apreensivos. Notamos o comportamento violento de quase todos os alunos em sala, aliado a uma gritante atitude de desinteresse em relação ao processo de ensino que ali estava sendo conduzido pela professora. Os estudantes abandonavam os seus lugares, saindo e entrando na sala livremente, desrespeitando os pedidos da professora, que, na maioria das vezes, dirigia-se a nós, dizendo: “tá vendo aí, esses meninos não têm jeito, o que eu posso fazer?”.

Outro fator que merece ser destacado diz respeito à facilidade com que os alunos trocavam agressões físicas e verbais uns com os outros. Esse cenário só se modificava quando

a presença da diretora era requisitada, transmitindo aos alunos um certo ar de autoritarismo, o que nos fez imaginar que aqueles momentos apaziguados pelo uso do poder opressivo eram, por sua vez, suscetíveis a algum tipo de punição, algo que não chegamos a presenciar, mas que não podemos deixar de considerar enquanto possibilidade, sobretudo por termos conhecido de perto a realidade em que estávamos imersos. A esse respeito, Castro *et al* (2013) dizem:

[...] a adoção de formas punitivas sem a precedência do diálogo e das tentativas de entendimento de situações de violência correm o risco de contribuir para sedimentar e/ou naturalizar aquelas práticas, na medida em que se adota **uma postura meramente reativa** e não reflexiva (CASTRO *et al*, 2013, p. 30).

Dentre os alunos que apresentaram uma conduta violenta, destacamos o comportamento de um, que chamaremos pelo nome fictício de João. A postura desse aluno dentro da sala nos chamou a atenção, por não sabermos até que ponto ele iria estender suas atitudes violentas em nossa direção, pois tentava nos afrontar a todo instante, mostrando-se incomodado com a nossa presença. A professora nos relatou sobre a dificuldade de diálogo com o aluno João e disse também ter informações de que ele seria um “aviãozinho”, expressão comumente utilizada nas periferias e localidades marginalizadas para se referir a uma espécie de ajudante no tráfico de drogas. Após os relatos que a professora nos fez sobre o aluno João, notamos que a escola havia desistido dele, ao ponto de não se importar com a sua ausência na instituição.

Em meio ao processo de observação, presenciamos uma situação que particularmente deteve o nosso interesse e que nos auxiliou a refletir sobre aquele contexto. Durante um evento organizado pela escola em comemoração à semana da criança, os alunos foram divididos em equipes para a realização de uma gincana e alguns professores ficaram responsáveis por coordená-las na execução de suas tarefas. Uma das equipes, em uma prova da gincana, apresentou a coreografia de uma dança e foi interrompida antes que sua apresentação fosse finalizada. O motivo pelo qual a diretora encerrou a apresentação e, além disso, descontou 10 pontos da equipe, foi o estilo de música escolhido pelos alunos: um *funk*. A letra da música apresentava trechos de duplo sentido, fazendo apologia à sensualidade do corpo feminino. Essa reação causou uma tremenda irritação ao grupo que estava apresentando a coreografia, fazendo com que seus componentes cobrassem explicações sobre a situação.

Naquele instante, ficamos incomodados com o que estava acontecendo. Nossas posições políticas e pedagógicas, construídas ao longo da formação acadêmica, nos fizeram

olhar o fato ocorrido sob outra perspectiva, bastante distinta do posicionamento assumido pela instituição. Interpretamos, ali, o distanciamento da escola frente a uma diversidade cultural inerente à realidade dos seus alunos, uma tentativa de impedir a validação de práticas que constituem a sua experiência cultural, forçando-os a um enquadramento a padrões considerados “decentes” e aceitáveis sob um determinado ideal, explicitado pela atitude da diretora. Identificamos, na semana da criança, a intenção de se promover interação e descontração entre os alunos, o que de fato ocorreu; porém, ao ver sua cultura de chegada ser severamente desconsiderada, sem nenhum diálogo, os alunos acabaram desmotivando-se a participar daquele momento.

Para pensarmos sobre os aspectos culturais e sociais que envolvem a escola e o contexto em que os alunos estão inseridos fora dela, fundamentamo-nos nos pressupostos dos Estudos Culturais e em seus desdobramentos no campo do currículo e, de forma mais específica, do currículo da Educação Física. Sob a ótica desse referencial, a cultura é entendida como um território de luta em torno da significação. Como afirma Silva (2011, p. 133-134), “a cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla”. Nesse campo de luta, os Estudos Culturais direcionam um questionamento às classificações e hierarquizações produzidas em relação às diversas práticas culturais, que, por meio de relações de poder, são consideradas como “melhores” ou “piores”, como “mais” ou “menos” dignas de serem definidas enquanto artefatos da cultura.

Com base nessa concepção, compreendemos que o *funk* é uma prática cultural marginalizada pelos discursos hegemônicos e que esse processo de marginalização pareceu se materializar na situação por nós presenciada. Nesse sentido, há de se indagar quais são as identidades culturais que se projetam nessa prática, quais são os grupos sociais nela representados e, que, conseqüentemente, também estão sendo discriminados. Por mais que devamos admitir que alguns significados contidos no *funk* mereçam ser criticamente analisados, impedi-lo de adentrar o espaço escolar pode significar uma barreira simbólica para aqueles que por ele se expressam, cuja identidade cultural torna-se igualmente impedida de “entrar” nesse espaço.

Nessa perspectiva, Neira (2011) salienta a importância de se conduzir as ações pedagógicas sob um ponto de vista multicultural, possibilitando aos alunos expressarem as manifestações que acessam e produzem em sua realidade e que são constitutivas da sua própria identidade cultural, viabilizando um novo cenário educacional fundado na justiça curricular e, conseqüentemente, na justiça social. A escola precisa assumir a responsabilidade

de considerar, na definição de seu projeto e de suas ações, os aspectos socioculturais da comunidade que a configura, abrindo-se para a diversidade cultural que nela se faz presente (BRASIL, 2007).

Recorrendo novamente aos argumentos de Neira (2011), fica evidente a importância de um currículo que valorize a diversidade cultural e que questione a construção social das diferenças e dos processos de discriminação relacionados a elas, colaborando, assim, para o rompimento de paradigmas, dogmas e preconceitos, que acarretam na não valorização da identidade do estudante e no distanciamento entre professor e aluno, entre escola e comunidade, dificultando o processo de aprendizado. Nesse sentido,

A educação em uma perspectiva multicultural crítica não só valoriza e reconhece as diferenças, como também assegura a diversidade cultural, superando processos discriminatórios, opressão, injustiça social e naturalização das diferenças, bem como apontando focos de resistência e de construção da identidade cultural (NEIRA, 2011, p. 24).

Por fim, reconhecemos que a nossa inserção na escola, por suas condições objetivas, não nos permite tecer uma análise mais aprofundada desse contexto, o que impõe limites às reflexões que aqui nos propusemos a fazer. É também importante deixar claro que nossa intenção não é apontar erros, culpar ou responsabilizar os sujeitos e a realidade que observamos, apenas pensar criticamente sobre o nosso futuro campo de atuação profissional. A experiência do estágio nos possibilitou ampliar o nosso olhar para as complexas relações que configuram o espaço escolar, fazendo-nos ponderar sobre as raízes dos problemas que o acomete. Além disso, diante das situações que presenciamos, não podemos deixar de nos perguntar que sentido pode ser encontrado pelos alunos num processo de escolarização que não leva em conta aquilo que os identifica e os representa culturalmente, e em que medida as suas manifestações de resistência, agressão e desinteresse poderiam estar relacionadas a essa negação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a inserção no contexto escolar e a leitura do conjunto de aspectos observados, torna-se forçoso dizer, através do nosso olhar, que escola deve ser encarada como um organismo vivo, diariamente mutável, o que nos leva a acreditar que a educação só alcançará os seus objetivos se passar por um processo constante de reflexão, em que todas as esferas que

a compõem estejam envolvidas – direção, professores, funcionários, alunos, famílias –, para que possam construir um trabalho direcionado a um mesmo sentido.

Mesmo diante dos problemas encontrados, acreditamos que a escola é uma instituição capaz de se reinventar permanentemente, a fim de cumprir o compromisso de ampliar as possibilidades dos sujeitos e de formar identidades democráticas. Encerramos essa etapa do estágio com um sentimento ambíguo: apreensivos, por nos depararmos com uma realidade implexa por diversas dificuldades, e felizes, por projetarmos uma intervenção futura repleta de desafios, que nos estimularão a encarar as problemáticas encontradas.

REFERÊNCIAS

BRASIL: **Programa Ética e Cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade: inclusão e exclusão social/organização. FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP), equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.4 v.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011. (Coleção A reflexão e a prática no ensino; v. 8).

CASTRO, Juliana Telles et. al. Violência em aulas de educação física: corporalidade, docência e formação. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 62, p. 19-37, 2013.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação prática de professores no estágio curricular. **Educar**, Curitiba, n. 32, p. 215-232, 2008. Editora UFPR.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2011.